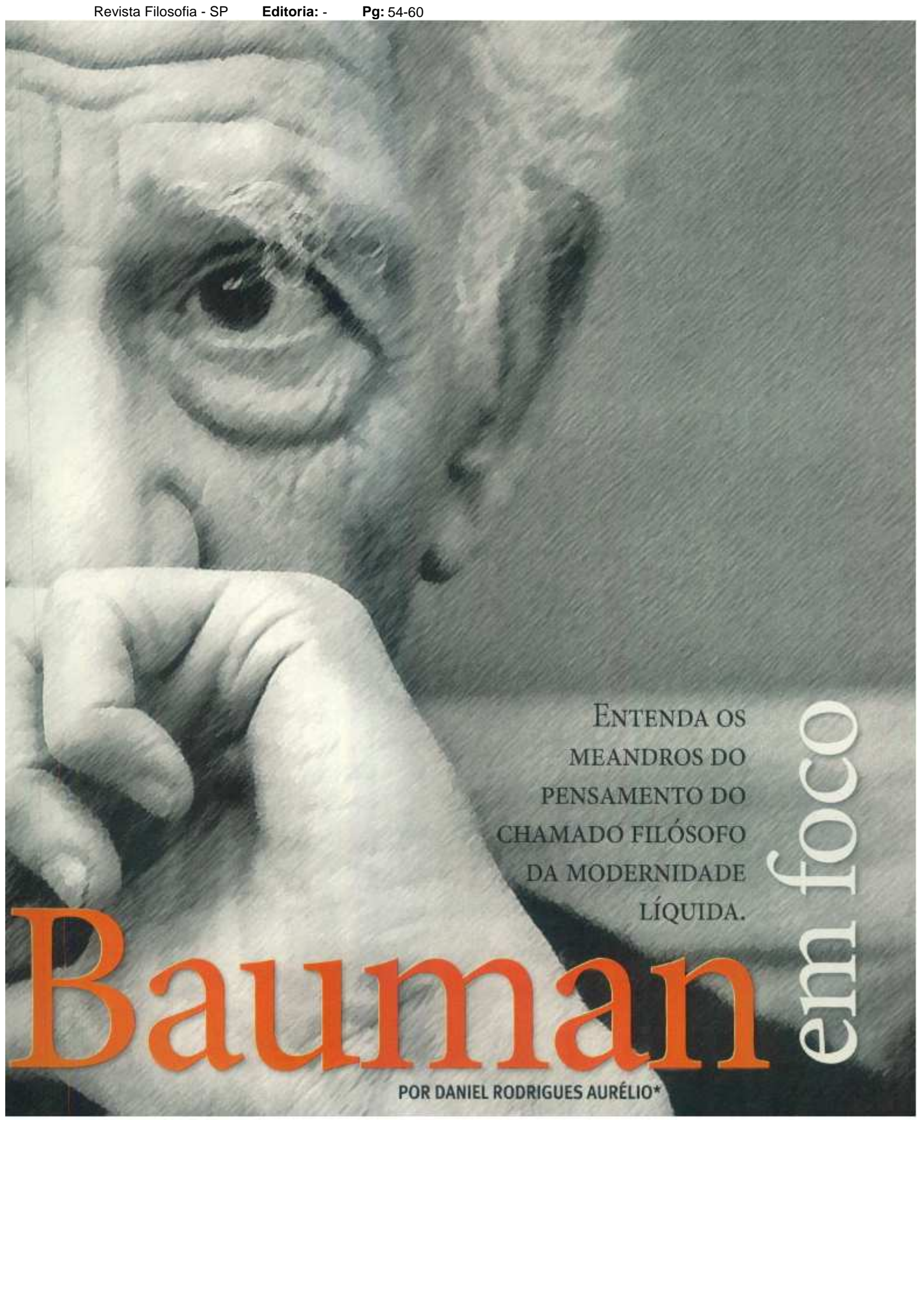


# Zygmunt



ENTENDA OS  
MEANDROS DO  
PENSAMENTO DO  
CHAMADO FILÓSOFO  
DA MODERNIDADE  
LÍQUIDA.

em foco

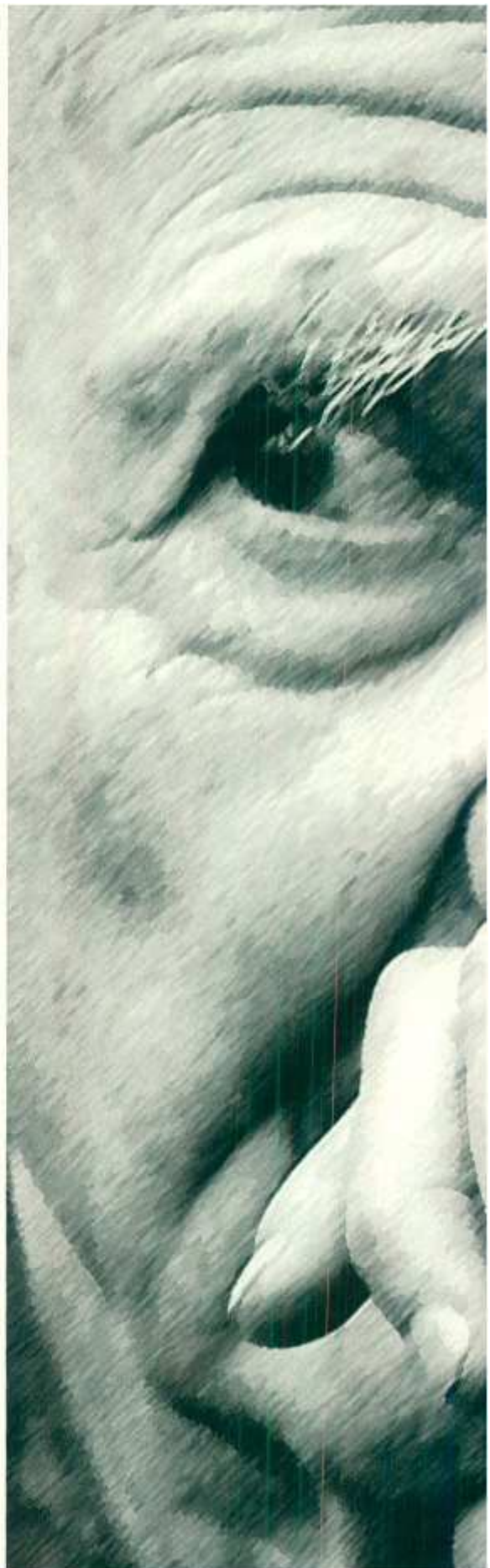
# Bauman

POR DANIEL RODRIGUES AURÉLIO\*

**N**o livro "Amor líquido": sobre a fragilidade dos laços humanos (Jorge Zahar Editor, 2004), o sociólogo, filósofo e ensaísta polonês Zygmunt Bauman pega carona na linguagem, nos códigos e comportamentos observados na internet, a grande rede mundial de computadores, para refletir sobre os paralelos, paradoxos e distinções entre "relacionar-se" e "conectar-se". Na "rede", escreve Bauman, "as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha" (pág.12). Esta breve e instigante citação sobre as "relações virtuais" serve de introdução ao pensamento de um autor fecundo, cujas obras alcançaram recente – e de certo modo surpreendente – êxito comercial, superando a barreira dos cem mil exemplares vendidos no Brasil.

Supreendente mesmo? Talvez sim. Mas não completamente absurdo. Se, por um lado, Bauman é um antiguru (no sentido de não prescrever fórmulas mágicas e mirabolantes para a felicidade), por outro, ele é um autor compreensivo e sensível à condição humana contemporânea, ao abordar temas afletivos da vida cotidiana como as relações afetivas, a insegurança, o mundo do trabalho, o consumismo e as consequências da globalização. Em seus textos, o sociólogo examina um "estado de coisas" existencial e social, para o qual empregou um termo que define com clareza as suas ideias: "modernidade líquida".

Nascido no dia 19 de novembro de 1925 em Poznan, na Polónia, Zygmunt Bauman experimentou na infância e adolescência as agruras da ascensão nazista na vizinha Alemanha. A cidade de Poznan localiza-se entre Berlim e Varsóvia (a capital polonesa), uma zona extremamente perigosa em tempos de hostilidades. De origem judaica, a família Bauman teve de



fugir do território polonês em 1939, no contexto da invasão do exército alemão. Eles retornaram ao país natal somente após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Na juventude, Bauman filiou-se ao Partido Comunista, tendo integrado o serviço secreto polonês sob as ordens da centralizadora União Soviética, colaboração esta marcada por suspeitas e interrogações. Bauman, por exemplo, foi acusado de "delator" de "inimigos do comunismo" pelo historiador **Bogdan Musial**. Em declaração publicada pela jornalista Aida Edemariam, articulista do jornal britânico *The Guardian*, o sociólogo respondeu à denúncia, insinuando que Musial baseara-se em suposições vagas e politicamente orientadas. Confirmou, no entanto, ter participado das fileiras comunistas entre 1946 e 1967. É presumível, pois, que tenha atuado em unidades de inteligência e contrainformação. De todo modo, a sua vida de militante não possui (ainda) uma biografia extensa e bem documentada, à altura de sua importância intelectual.

Entre o final dos anos 1940 e início de 1950, Bauman estudou sociologia e filosofia na Universidade de Varsóvia. Nesse período, conheceu **Janina**, que se graduaria pela Academia de Ciências Políticas e Sociais. Casaram-se e tiveram três filhas: Anna, Lydia e Irena. Nos últimos anos, Bauman tem frequentemente recusado longas viagens para conferências. Tudo para cuidar da frágil saúde da esposa e enfrentar, ao lado dela, as delícias e dissabores de "relacionar-se" sem acionar o dispositivo de "conectar-desconectar", tão utilizado nesses "tempos líquidos".

Após formado, Bauman seguiu carreira acadêmica como docente na Universidade de Varsóvia, enquanto Janina, licenciada em Estética, dedicava-se à produção de roteiros,

traduções e pesquisas para a indústria cinematográfica local. Em 1968, porém, a censura a seus livros, a crescente repressão do governo e uma campanha antisemita na então denominada República Popular da Polônia obrigaram-no a deixar o país. A relação de Bauman com o "socialismo real" ficou estremeçada e ele passou a viver com a mulher e as filhas em Israel. Mudaram-se novamente em 1971, dessa vez para a Inglaterra, onde Bauman assumiu o posto de professor titular na Universidade de Leeds. O sociólogo ocupou o cargo até 1990, quando, ao aposentar-se da chefia do Departamento de Sociologia, recebeu da instituição o título de professor emérito. Na prática, tal status aliviava as suas obrigações burocráticas e abria caminho para uma produção intelectual mais ativa.

Até o fechamento desta edição, os octagenários Zygmunt e Janina Bauman continuavam a residir em uma bonita casa em Leeds. Residência de um casal gentil e hospitaleiro, conforme descreveu a historiadora brasileira Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, na ocasião em que foi recebida para uma entrevista com Bauman, publicada em 2004 pelo periódico acadêmico *Tempo Social* da Universidade de São Paulo (USP).

#### OBRA E PENSAMENTO BAUMANIANO

**"Tudo o que é sólido desmancha no ar"**. Eis uma das frases emblemáticas do opúsculo *Manifesto do Partido Comunista* (1848), assinado por Friedrich Engels (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883). Escrita em meados do século 19, a máxima lapidar de Marx e Engels parecia adiantar, mais de um século antes, qual seria o debate do pensamento social e político da virada do século 20 para o 21, pautado por ideias, princípios, termos, conceitos

#### **Bogdan Musial**

Historiador, conservador e especialista em Segunda Guerra Mundial, o polonês naturalizado alemão Bogdan Musial publicou o polêmico artigo sobre Zygmunt Bauman no periódico *Ozon*. Para Bauman, Musial tenta, na verdade, desqualificar um autor vinculado à esquerda e reconhecido internacionalmente.

#### **Janina**

Janina Bauman é autora do livro *"Inverno na Manhã: uma jovem no Gueto de Varsóvia"* (Jorge Zahar, 2005). Baseado em seus diários de juventude, Janina narra seus anos no Gueto de Varsóvia, espaço no qual os judeus poloneses foram segregados pelos nazistas durante a ocupação da Alemã na Polônia.

#### **"Tudo o que é sólido desmancha no ar"**

A frase "Tudo o que é sólido desmancha no ar", que aliás possui outras traduções aproximadas para a língua portuguesa, serviu como título para o mais famoso livro do filósofo americano Marshall Berman, publicado no Brasil em 1986. Berman é um estudioso do marxismo, da cultura, do urbanismo e da modernidade.


### **Octavio Ianni (1926-2004)**

Nascido em Itu, interior de São Paulo, Octavio Ianni é considerado um dos maiores sociólogos brasileiros de todos os tempos. Como estudante e professor, Ianni realizou seu percurso acadêmico na USP até ser aposentado compulsoriamente pelo Regime Militar. Passou então a lecionar na PUC-SP e a atuar como pesquisador do CEBRAP. Também deu aulas na Unicamp. Dentre suas obras, destacam-se O colapso do populismo no Brasil, Raças e Classes sociais no Brasil e A sociedade global. Faleceu em São Paulo em 2004.

### **Gilles Lipovetsky**


Professor da Universidade de Grenoble, na França, o filósofo francês Gilles Lipovetsky é um dos atuais expoentes dos estudos sobre a modernidade e teórico da hipermodernidade. Seus principais livros foram publicados no Brasil: "O Império do Efêmero, Tempos Hipermodernos" e "A Felicidade Paradoxal".

e metáforas ribombantes: "pós-modernidade", "hipermodernidade", "aldeia global", "sociedade global", "sistema-mundo", "mundialização", "modernidade líquida".

Em "Teorias da Globalização" (Civilização Brasileira, 15ª ed., 2008), o sociólogo brasileiro  **Octavio Ianni (1926-2004)** lista e analisa as teorizações sobre a globalização criadas, adotadas ou aperfeiçoadas por autores como Immanuel Wallerstein e Marshall McLuhan (1911-1980), entre outros. Percebe que muitas delas se organizam a partir de metáforas mais ou menos certeiras. Para Ianni, essas metáforas todas são "formuladas precisamente no clima mental aberto pela globalização" (pág.16). Embora Bauman não seja diretamente mencionado em "Teorias da Globalização", pode-se afirmar destemidamente que o pensamento baumaniano parte de um sentido figurado revelador (a "modernidade líquida") para descrever, interpretar e problematizar a sociedade contemporânea.

Zygmunt Bauman se insere, portanto, num conjunto de teóricos dessa pretensa transição no âmbito da sociedade moderna, caracterizada basicamente pelo advento de novas tecnologias e meios de comunicação e pela supremacia econômica do capital financeiro e das corporações transnacionais. Inexato em termos meramente cronológicos, esse período é batizado às vezes de "pós-modernidade" ou "tempos hipermodernos", esta última na definição do filósofo francês  **Gilles Lipovetsky Jorram**, dessa fonte, metáforas e terminologias econômico-produtivas ("economia-mundo", "fábrica global") ou considerações sobre um tipo de sociedade (global, de consumo, da informação, etc). Os sentidos empregados são diversos e a discussão está em aberto. A própria globalização, entendida por nós como um

fenômeno relativamente novo, é para inúmeros historiadores, filósofos e cientistas sociais a aceleração e intensificação de um movimento iniciado pelas Grandes Navegações dos séculos 15 e 16 (ou seja, o processo de expansão do horizonte geográfico, econômico e social para além do Velho Mundo).

Por certo, todas essas mudanças tecnológicas, econômicas, produtivas e políticas originaram e originam profundos impactos sociais, culturais, nas relações e comportamentos. Como sublinha o cientista social brasileiro Gabriel Cohn, ao rememorar o conceito marxista de "modo de produção" na apresentação de Sociologia – para ler os clássicos (Azougue Editorial, 2ª ed., 2007), "o essencial é que está em jogo, não a mera produção, mas o modo como ela se organiza socialmente" (pg.10). Isto é, além de mercadorias, o modo de produção gera "relações sociais", assim como uma dada tecnologia não se resume a seus recursos e funcionalidades. Influenciado também por  **Georg Simmel (1858-1918)**, o pensamento de Bauman sobre a temática da modernidade já estava de alguma forma presente em seus livros e artigos desde as décadas de 1960 e 1970, mas a sua obra só atingiria maior maturidade e repercussão no final dos anos 1990 – por falar em "influências", não se pode aqui esquecer de mencionar o peso de sua formação política e intelectual marxista, especialmente de suas leituras dos Cadernos do Cárcere, do teórico político italiano Antonio Gramsci (1891-1937).

Quando a "modernidade líquida" ou a "líquida sociedade moderna" baumaniana entrou em evidência, expressões do tipo "aldeia global" (McLuhan) ou "terceira onda" (Alvin Toffler) não mais captavam as contradições, dilemas e possibilidades da contemporaneida-



de. A metáfora da "liquidez" sugere, pois, uma noção de fluidez, dinâmica e volatilidade, em contraste a uma "modernidade sólida" de relações, instituições e formas "estáveis".

Com traços existencialistas, o pensamento baumaniano é assumidamente marcado pela obra do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas (1906-1995) e do filósofo e escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960), autor do ensaio "O Homem Revoltado", publicado em 1951, livro pelo qual Bauman reconhece apreço na entrevista à Pallares-Burke. Empregado por alguns de seus comentadores, o rótulo de niilista talvez seja carregado demais para descrever o nuançado conjunto da obra baumaniana. Melhor colocado seria, quem sabe, a identificação de "ambivalente", remetendo a um de seus livros, "Modernidade e Ambivalência" (Jorge Zahar, 1999). Em suma, é possível perceber em seu pensamento reflexos nietzschianos e sartrianos quando Bauman sugere que a mudança está, enfim, no "potencial humano".

Zygmunt Bauman, porém, não oferece gritos de ordem saudosos de uma romântica e imaginosa "vida comunitária" em tudo superior à essa "fragilidade dos laços humanos". Ele está interessado em compreender a "líquida sociedade moderna" e o indivíduo dos "tempos líquidos", em sua constante busca pela saciedade dos prazeres imediatos, "conectando-se" e "desconectando-se" de objetos e pessoas, dilacerado por sentimentos conflitantes, apartando-se por vezes de sua condição de sujeito político. Essa sensação de "fragilidade" e "insegurança" na "modernidade líquida" aumenta em virtude daquilo que o geógrafo britânico David Harvey chamou de "compressão espaço-tempo"; das desregulamentações no mundo do trabalho; e dos desafios do Estado

### **Georg Simmel (1858-1918)**

O sociólogo alemão Georg Simmel é um autor fundamental para a ciências sociais. Embora a sociologia possua um trio de autores "clássicos" – Karl Marx, Max Weber (1864-1920) e Émile Durkheim (1858-1917) –, o legado de Simmel é decisivo para os rumos da teoria social. Ao compreender a sociedade como uma complexa rede de relações, Simmel influenciou desde os sociólogos da Escola de Chicago até a sociologia histórica do alemão Norbert Elias (1897-1990). Seu texto mais conhecido é "A Metrópole e a Vida Mental".

### **OBRAS SELECIONADAS DE ZYGMUNT BAUMAN\***

*Modernidade e Holocausto* (1998);  
*O mal-estar na pós-modernidade* (1999);  
*Globalização: As consequências humanas* (1999);  
*Em busca da política* (2000);  
*Modernidade Líquida* (2001);  
*Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004);  
*Vidas Desperdiçadas* (2005);  
*Europa* (2006);  
*Vida Líquida* (2007);  
*A Arte da Vida* (2009).

\* EDITADAS NO BRASIL PELA JORGE ZAHAR EDITOR (JZE). ENTRE PARÊNTESES, O ANO DE EDIÇÃO NO BRASIL.

## **Interacionismo simbólico**

A perspectiva do interacionismo simbólico – também marcada pela obra de Simmel – analisa as interações sociais e suas relações simbólicas. Os interacionistas trabalham nos campos da sociologia, da filosofia e da psicologia social e seus principais formuladores foram o filósofo americano George Herbert Mead (1863-1931) e o sociólogo também americano Herbert Blumer (1900-1987), ambos vinculados à Escola de Chicago. O sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982) é tido como um de seus autores-chave por conta de sua “dramaturgia social” expressa nos livros “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” e “Estigma”.

## **Teoria social**

Num sentido amplo, a Teoria Social refere-se ao conjunto interdisciplinar de teorias e métodos produzidos pelas humanidades, tais como a sociologia, a filosofia, a antropologia, a psicologia, a economia, a crítica literária, etc.


\***DANIEL RODRIGUES AURÉLIO** é sociólogo e escritor. É bacharel em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e pós-graduado em Globalização e Cultura pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais.

frente a um “mundo sem fronteiras” (será realmente sem fronteiras?).

Avesso a barganhar soluções utópicas simplórias, Bauman aborda as construções identitárias e as relações sociais em uma sociedade do “culto” à performance (no trabalho, no sexo, no lazer) e ao consumo (do corpo perfeito, da moda, de tecnologias, de estilos de vida).

## **O ESTILO DE BAUMAN E SEUS CRÍTICOS**

O estilo de Zygmunt Bauman é ensaístico, uma espécie de contraponto às pesquisas orientadas por estatísticas e surveys. Abrangente por excelência e impulsionado por “insights”, esse ensaísmo não desconsidera o método e a observação de um pensador experiente. É constante em seus textos o recurso a referências do cinema e da literatura. Aparecem em suas páginas escritores do naipe do italo-cubano Italo Calvino (1923-1985) e do austriaco Robert Musil (1880-1942). No prefácio de “Amor Líquido”, Bauman afirma que Ulrich, personagem de “O Homem sem Qualidades” (1942), obra-prima de Musil, é o “cidadão de nossa líquida sociedade moderna” (pág.7).

Seguindo as classificações por aproximação teórico-metodológica, tão comuns ao universo intelectual e acadêmico, Bauman faria parte de um grupo de “sociólogos humanistas”, junto a dupla Peter L. Berger e Thomas Luckmann. Coautores de “A Construção Social da Realidade” (Editora Vozes, 26ª ed., 2006), Berger e Luckmann dialogam com o  **interacionismo simbólico**. Adequada ou não, essa tentativa de nomenclatura pretende situar um conjunto de intelectuais que buscam em campos variados a substância para as suas reflexões, principalmente no cruzamento entre psicologia, filosofia e sociologia.

Obviamente, falar na noção de liquidez, por fundamental que seja para o entendimento da obra baumaniana, não dá conta de toda a extensa produção do autor. Produção não restrita apenas a aclamações de seus entusiasmados defensores. Seu pensamento sofre uma forte resistência. Para seus opositores, ele não estaria em consonância com as premissas de uma “objetividade sociológica”. Atacam-no por ser, sempre segundo seus críticos, um escritor sofisticado de manuais de comportamento, ao condicionar as suas obras não pelo rigor científico e epistemológico, mas por seus próprios juízos morais e estéticos.

De fato, como cientista social, ele não possui a envergadura de formulador teórico e metodológico dos contemporâneos Anthony Giddens e Pierre Bourdieu (1930-2002). Todavia, o fazer sociológico de Zygmunt Bauman é um diálogo constante com as múltiplas correntes da  **teoria social**, dentro e fora do cânon. Por essa razão, sua obra ultrapassa as barreiras disciplinares e bota para pensar pesquisadores de diferentes áreas das ciências sociais à teoria literária, da psicologia social à filosofia.

Com presença garantida nas prateleiras de livrarias e bibliotecas, as obras de Zygmunt Bauman acabaram conquistando a preferência de leitores que procuram compreender o mundo inconstante e fragmentado, ou melhor, líquido em que vivem. ■